

cula, porque julga levantar o moral da nacionalidade oprimida apresentando-lhe um passado que remonta á formação do mundo, e uma dinastia de reis que ascende até Noé! Ridícula ainda, porque não duvida ir até á falsificação dos textos comprovativos das suas invencionices. A «Monarchia» é prolífica em invencionices patrióticas: o milagre de Ourique, as côrtes de Lamego, o concílio Bracarense, as relações epistolares de Afonso Henriques com S. Bernardo, etc., etc. Estas invencionices de Brito e da sua escola, como uma grande vaga que tudo alagasse e submergisse, veio rolando através dois longos séculos, para finalmente se desfazer em espuma, vento e nada, perante a moderna crítica histórica, começada gloriosamente por Pedro Ribeiro, os Caetanos do Amaral, e sobretudo com Herculano. A polémica travada com êste a-propósito da célebre batalha de Ourique, as deturpações intencionais do falso arabista Antônio Caetano Pereira, são os últimos episódios da vida inglória da famigerada historiografia alcobacene.

Foram os Bernardo de Brito, os Francisco Brandões e os Alvares de Lousada, quem, com o seu messianismo, as suas trapeirices fradesas, fomentaram e deram um aspecto científico a esta vaga que, como um denso nevoeiro, por sobre a nacionali-

dade pairou durante séculos, e lhe apagou em grande parte o brilho das eras remotas.

Quando uma geração ou mais gerações não encontram perante si perspectivas imediatas, e se não podem, portanto, virar para o futuro, porque êste lhe não pertence, viram-se para o passado, e para êle vivem.

Frederico Nietzsche, falando dos historiadores, disse que á fôrça de olhar para traz, torna-se o historiador um caranguejo; passa a crer, outro-sim, para traz. Isto que não se poderá aplicar com justiça, generalizando, dever-se-á aplicar com propriedade aos historiadores desta época. Pois que outra coisa mais serão êles, do que caranguejos ante a evolução da vida nacional e os males que a assoberbavam?

A historiografia dêste período é pois um seguro índice da «apagada e vil tristeza» da vida mental e económica de quasi dois séculos, que tem como expoentes o misticismo, o passadismo, a tutela política e económica da Inglaterra, a contra-reforma com as suas perseguições religiosas e a perda das liberdades políticas, com a centralização completa do poder real. São êstes que apontamos, índices bem claros de períodos de decadência e abastardamento moral, e por isso mesmo merecedores da nossa estima.

IV

A historiografia romântico-liberal

A influência dos pensadores franceses do séc. XVIII, e sobretudo a reforma pombalina, contribuíram de certa maneira para desassombrar a atmosfera mental em que até aí o país vivera, e dar certo espírito crítico, como consequência, á nossa historiografia. A fundação em 1721 da Academia Real de História Portuguesa foi a primeira reacção salutar: começou-se então uma tarefa de reconstrução da nossa historiografia, que mais tarde veio a ter o brilhante fecho que Herculano lhe deu com a publicação da sua História de Portugal.

A fundação da Academia Real de História corresponde o despertar da vida económica da nacionalidade, pela industrialização crescente, pois é no reinado de D. João V

que se começa notando o aparecimento de novas indústrias, sobretudo indústrias de luxo. O desenvolvimento industrial do país sofre o seu primeiro grande impulso com a obra fomentadora do marquês de Pombal. E' sobretudo a partir da reforma pombalina que se começa desenhando mais nitidamente o progressivo evoluir da nossa indústria. Paralelamente á crescente industrialização, e como consequência dela, dá-se o amadurecimento político da nova burguesia industrial, que era a herdeira e continuadora dos velhos artesãos e dos mercadores e capitalistas das descobertas, e que em cada dia que passava via aumentar a sua importância económica na vida da nação, sem que paralelamente aumentasse a sua